



Administrador José Rocha Diniz Director Sérgio Terra • Nº 5972

## Jogo cresceu 134% em relação a Abril

Limitados a um pequeno número de jogadores por força das restrições fronteiriças, os casinos de Macau fecharam o mês de Maio com receitas brutas de 1.764 milhões de patacas, valor que, apesar de continuar muito distante dos níveis anteriores à pandemia, representa um acréscimo de 134% em relação aos 754 milhões apurados em Abril, segundo dados divulgados pela Direcção de Inspeção e Coordenação de Jogos. De acordo com a consultora Sanford C. Bernstein, a média diária da facturação atingiu 149 milhões entre 25 e 31 de Maio, o que contraria o saldo negativo da semana anterior e representa o melhor resultado desde o final de Março. Em termos homólogos anuais, o sector do jogo caiu 93,2% em Maio, ligeiramente menos do que as projecções dos analistas. Nos primeiros cinco meses, as receitas totalizaram 33.004 milhões, menos 73,7% do que no mesmo período de 2019.



### Apelo do Governo da RAEM

**Insista na Prevenção,  
Lave sempre as mãos,  
Use máscara,  
Evite aglomerações,  
Mantenha a distância,  
Faça a declaração de  
saúde.  
Reduza as saídas de  
Macau.**

Centro de Coordenação de Contingência do  
Novo Tipo de Coronavírus

# Advogados instados a relatar restrições à profissão

A direcção da Associação dos Advogados de Macau exortou os seus membros a relatar eventuais casos de "imposição de algumas restrições" ou "impedimentos ao exercício do mandato forense", por forma a "diligenciar pelas medidas necessárias à protecção" do exercício da profissão. Numa circular, a associação indica que teve conhecimento de que "alguns colegas têm tido, por vezes, dificuldades no relacionamento com magistrados judiciais, magistrados

do Ministério Público, funcionários da Polícia Judiciária e com outros operadores judiciais". Sérgio de Almeida Correia frisa que esses problemas "já não são novos", enquanto Pedro Leal salienta a questão da relação com as autoridades policiais. Já Iclia Berenguel admite que a circular possa não ter sido motivada por situações concretas, sendo apenas um alerta geral.

pág 5

### CHEFE AVANÇA PARA MEDIDAS DE AUSTERIDADE

O Chefe do Executivo anunciou que vai avançar com medidas de austeridade em todos os serviços públicos devido à quebra nas receitas públicas. Numa reunião organizada pelo Gabinete de Ligação do Governo Central em Macau com o propósito de transmitir as conclusões da Assembleia Nacional Popular e da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, Ho Iat Seng disse que deverá reduzir as despesas da Administração sem que os salários dos trabalhadores sejam afectados. De acordo com o "Ou Mun Tin Toi", Ho Iat Seng considerou que a pandemia do COVID-19 está basicamente controlada, pelo que a RAEM é classificada como zona de baixo risco. Além disso, o Chefe do Executivo agradeceu o reconhecimento do Governo Central em relação ao trabalho desenvolvido no combate contra o coronavírus, assegurando que a prevenção continuará. Na mesma ocasião, o Chefe do Executivo, reiterou que a defesa da segurança nacional é uma linha orientadora da população do território, dado o seu significado para a concretização de "Um País, Dois Sistemas".

FOTO JTM



## Ver com as mãos em tempos de pandemia

O novo coronavírus, invisível aos olhos de todos, trouxe com ele a distância e o receio de tocar naquilo que nos rodeia. Para quem conjuga o verbo 'ver' principalmente com as mãos, as dificuldades foram acrescidas. Relatos de quem não vê em tempos de pandemia

págs 2 e 3



2020 澳門國際龍舟賽

Regatas Internacionais de Barcos-Drágão de Macau  
Macao International Dragon Boat Races

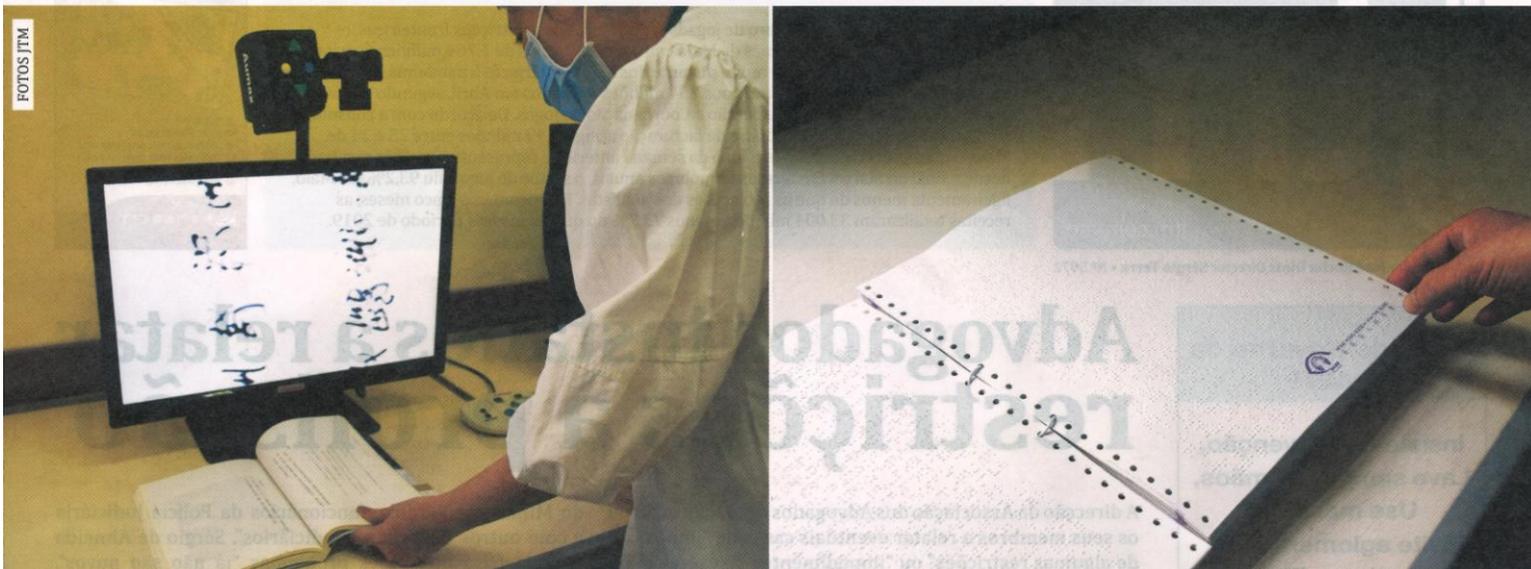
20/6 親子嘉年華  
Festival em Família  
21/6 小龍賽事  
Regata de Barcos-Drágão para Pequenas Embarcações  
25/6 標準龍賽事  
Regata de Barcos-Drágão para Grandes Embarcações

南灣湖水上活動中心  
Centro Náutico da Praia Grande



PUB

FOTOS JTM



## No conforto do Centro de Cegos

*Cheang Wai Seng e Chan Kok Hong passaram a fazer mais limpeza em casa e a ter cuidados acrescidos com as mãos. Kit Chau sai de casa "às escondidas" porque a família receia que seja infectado com o novo coronavírus. Em comum, o facto de se guiarem principalmente com as mãos. Como enfrentam os cegos as dificuldades trazidas pela pandemia?*

CATARINA PEREIRA

**S**abem de cor as ruas adjacentes à Avenida General Castelo Branco. Cheang Wai Seng e Chan Kok Hong percorriam a zona norte da cidade diariamente - uma rotina que conheciam há já mais de quatro décadas. Depois, a pandemia veio transformar as suas vidas. Os dias ficaram longos e as saídas de casa limitaram-se apenas ao necessário para sobreviver. Foram praticamente três meses de monotonia.

Conheceram-se debaixo de uma árvore. É Cheang quem o conta. Aponta para o jardim e acrescenta: "Éramos os dois



**Era muito inconveniente sair nesta altura por causa do distanciamento. Não conseguíamos fazê-lo porque não sabíamos. Se não sei quão perto está uma pessoa ao meu lado, não consigo afastar-me**

Cheang Wai Seng

solteiros, não traímos ninguém". Depois, solta uma gargalhada. Ele, mais tímido, escuta a conversa atentamente. Sentados frente a frente, dão conta das dificuldades que tiveram e têm de enfrentar perante um cenário que pode ser assustador: ser

cego em tempo de pandemia. Aprenderam a orientar-se pela memória e pelos sons. O verbo ver, esse, conjugam-no com as mãos - é o toque que os guia para onde quer que vão.

Passam trinta minutos das onze, o dia está cinzento lá fora,

mas abafado. Estamos no Centro de Reabilitação de Cegos da Santa Casa da Misericórdia e Cheang mostra-se feliz. Além de poder voltar ao centro - apenas por algumas horas, uma vez que o Instituto de Acção Social ainda não deu luz verde para

que reabrisse totalmente -, há já mais de 50 dias que não há novos casos de infectados pelo novo coronavírus no território. Diz que não sente "tanta pressão" e que está "menos ansiosa".

Cheang foi perdendo a visão aos poucos. "Via um bocadinho quando era pequenina", explica, para depois acrescentar que a cegueira foi causada por uma catarata congénita. O marido ficou cego quando tinha três anos, devido a uma infecção bacteriana. Ainda assim, é como se nunca tivesse visto. "Gostaria de me lembrar [de ver], mas, infelizmente, não me lembro de nada. Tenho muita pena", lamenta Kok.

"Graças ao Centro, os dias agora são melhores. Não sei como seria a nossa vida, como passaríamos o tempo", aponta Cheang. Durante o tempo de confinamento, pouco faziam. Vivem os dois sozinhos, por sua conta, por isso, a par de irem às compras para comer, Cheang e Chan passavam os dias em casa. "Lá não se faz nada. Fazíamos limpeza os dois sozinhos", lembra. Diz que não gosta de coisas sujas, por isso, era uma boa forma de se ocuparem e de se sentirem mais seguros. Afinal, o vírus podia aparecer por ali.

Os dois idosos percebem que o impacto desta crise foi grande para Macau, mas não têm dúvidas: "Para nós, foi ainda maior". Além da cegueira, Cheang sofre de doenças crónicas, motivo mais que suficiente para a le-

### FICHA TÉCNICA

Propriedade: Tribuna de Macau, Empresa Jornalística e Editorial, S.A. • Administrador: José Rocha Diniz • Director: Sérgio Terra • Editora: Inês Almeida • Redacção: Catarina Pereira, Rima Cui, Rui Barata, Sofia Rebelo e Viviana Chan • Correspondentes: Ricardo Jorge (Portugal) e Rogério P. D. Luz (Brasil) • Colaboradores: Costa Santos Sr. e Vitor Rebelo • Colunistas: Albano Martins, António Cardinal, Carlos Frota, Daniel Carlier, Francisco José Leandro, João Figueira, Jorge Rangel, Jorge Silva, José Álvares e Luíz de Oliveira Dias • Grafismo: Exzha Beah Ubogan, Filipa de Araújo Cristina • Fotografia: Tatiana Lages • Serviços Administrativos e Publicidade: Joana Chóí (jtmpublicidade@yahoo.com) • Fax: 28389886 • Agências: Serviços Noticiosos da Lusa, Xinhua • Exclusivos: Rádio ONU • Impressão: Tipografia Welfare, Ltd • Administração, Direcção e Redacção: Calçada do Tronco Velho, Edifício Dr. Caetano Soares, N.º 4, 4A, 4B - Macau • Caixa Postal (P.O. Box): 3003 • Telefone: (853) 28378057 • Fax: (853) 28337305 • Email: jtmagenda@yahoo.com (serviço geral)



var a dizer que não chegam as máscaras atribuídas pelo plano do Governo. "Além dessas, comprei mais na Associação dos Operários. Tenho mais medo de ser infectada. Quando saio de manhã uso uma máscara e depois quando chego a casa deito-a logo fora. Se sair à tarde, utilizo outra, por isso gasto mais".

Durante tempos de incerteza, novas regras e medidas de contenção foram lançadas pelas autoridades. Uma delas, o distanciamento social. Mas de que forma podia cumprir esta norma quem não vê? Cheang é peremptória: "Era muito inconveniente sair nesta altura por causa do distanciamento. Não conseguíamos fazê-lo porque não sabíamos. Se não sei quão perto está uma pessoa ao meu lado, não consigo afastar-me". A solução foi mesmo a diminuição das saídas de casa. As idas ao Centro de Reabilitação de Cegos foram subtraídas da equação chamada rotina, para dar lugar apenas às idas ao supermercado e à farmácia. "Só saíamos por necessidade".

A distância imposta pela crise de saúde pública ditou que ficassem confinados a um espaço mais pequeno durante este período: a casa onde vivem. Mas nem por isso tiveram mais problemas conjugais do que o normal: "Estamos sempre juntos. Com ou sem pandemia, não nos fartamos um do outro. Nem houve mais brigas nem nada".

**"TÊM MEDO DE QUE POSSA FICAR INFECTADO"**

O toque é essencial para quem não vê, mas perante uma pandemia causada por um vírus invisível, as mãos que no dia-a-dia os levavam a qualquer parte podem agora ser quem lhes traz o vírus. Completamente camuflado: sem som, cheiro ou forma. O casal teve de se adaptar. "Assim que toco em alguma coisa, limpo logo as mãos e depois chamo a atenção do meu marido para ele fazer o mesmo. Agora levo sempre comigo o álcool", explica Cheang.

Também Kit Chau passou a estar mais atento perante a possibilidade de poder ficar infectado. "Comecei a tornar-me mais cuidadoso e a não levar as mãos à cara depois de tocar nas coisas. Passei a ter sempre desinfetante comigo e a lavar as mãos depois de tocar em algum sítio", explica.

Nasceu com alterações na retina e, com o tempo, a situação foi piorando.

Aos 20 anos perdeu a visão por completo. Como foi algo progressivo, a adaptação acabou por não ser violenta. "Aos poucos fui treinando os outros sentidos; a memória, a usar as mãos e os ouvidos". Encontrámo-lo sentado em frente ao computador atento a um episódio de "Doraemon". Tem "trinta e muitos anos" e confessa que não poder sair de casa e estar afastado do Centro foi das piores coisas da pandemia - "Tive muitas saudades".

Agora, vai de vez em quando, mas "às escondidas". Porquê? "Não é que a minha família não me deixe vir, não me proibem, mas têm medo de que eu possa ficar infectado". Já Kit Chau parece não ter qualquer receio. "Não tenho medo nenhum, se apanhar o vírus fico imune e depois não apanho mais", diz com algum sentido de humor, para depois explicar. "Venho só um bocadinho, cerca de duas horas, para matar a saudade, aquele vício. Assim, os dias já são melhores".

Desde Janeiro e até bem há pouco tempo, os dias passavam lentamente para Kit Chau. "Ouvia rádio e ia à internet

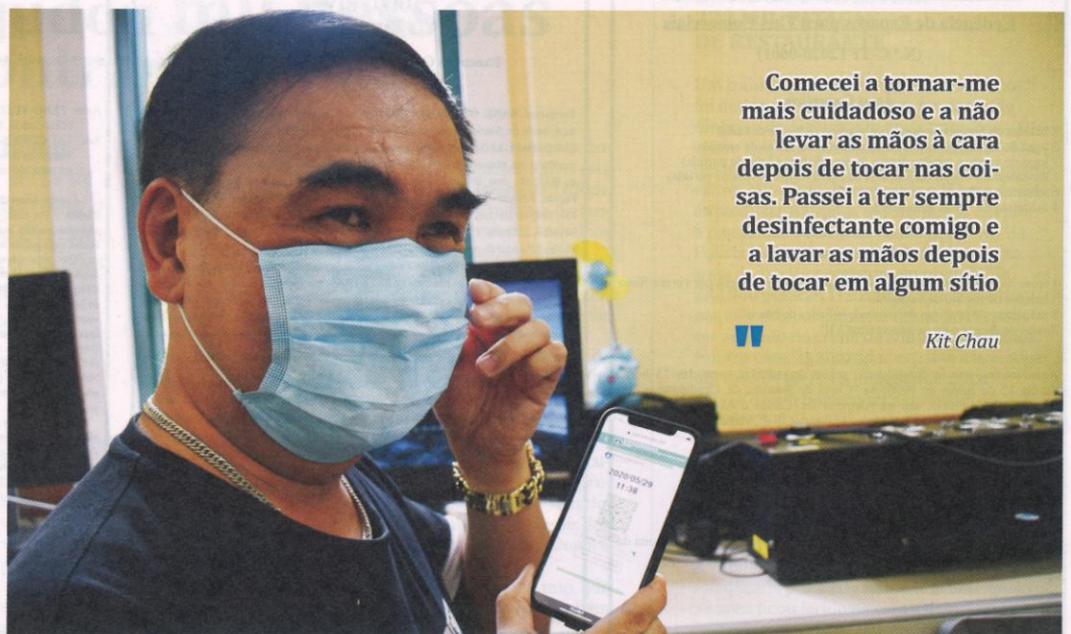
para ouvir as notícias", conta - nem as últimas actualizações sobre o Presidente dos EUA, Donald Trump, escaparam ao seu ouvido. "Era um tipo de vitamina para controlar a monotonia durante a pandemia". Foi também através do telemóvel, que tem na mão, que encontrou algum conforto junto dos colegas do Centro, ainda que à distância. "Tenho no Centro o meu grupo de amigos, vínhamos cá todos os dias e depois deixámos de nos ver, por isso, através do WeChat fazíamos companhia uns aos outros e íamos falando", afirma.

No Centro da Santa Casa da Misericórdia habitualmente estão entre 30 a 50 utentes - agora cerca de meia dúzia aparecem por lá durante algumas horas. Ali, têm acesso a computadores e internet, podem conversar com os colegas e fazer vários tipos de actividades, como costura ou crochet, além de terem acesso a inúmeras revistas em braille sobre os mais variados temas.

As tecnologias são grande parte da vida de Kit Chau, talvez por isso tenha estranhado quando lhe perguntamos

como preenche a declaração de saúde se quiser ir a algum serviço público. "Através do telemóvel", responde com um sorriso. Em dois segundos, está pronto a mostrar como é fácil fazê-lo. Coloca o código do telemóvel, entra na aplicação dos Serviços de Saúde e começa a preencher os vários campos, sempre com o telemóvel junto ao ouvido. No fim, um código verde dá sinal de que está finalizada a operação: Kit utiliza uma aplicação de 'voice assistance' para cegos, por forma a localizar os botões. "Para mim não foi um problema, mas os mais velhos têm de pedir ajudar", afirma. Seria o caso de Cheang e Chan, mas não é porque, até hoje, dizem, ainda nunca precisaram de apresentar a declaração de saúde.

Kit Chau pode viver, em parte, no mundo da internet, mas não é por isso que está desatento ao que o rodeia. Durante estes meses, observou - com todos os sentidos aos quais pode recorrer - que o mundo à sua volta se alterou em pequenas coisas. "Senti mais pássaros a cantar e o ar estava mais puro. Não senti que o ar estava mais puro?", perguntou-me.



**Comecei a tornar-me mais cuidadoso e a não levar as mãos à cara depois de tocar nas coisas. Passei a ter sempre desinfetante comigo e a lavar as mãos depois de tocar em algum sítio**



Kit Chau